



Terras Remotas

Simone Cortezão

Estamos caídos num poço de mina estreita
A 200 metros de profundidade, pouco se vê e se escuta somente o pulso
do próprio corpo

O faminto segue
na escuridão do subsolos a cidade ressoa sobre a cabeça.

Estradas clandestinas são abertas
já sem olhos eles consomem, como os bichos da terra, roem dia e noite.

A escuridão aos poucos encontra com o fundo da terra, lugar onde os
bichos não tem olhos.
O que se come e o corpo são da mesma matéria.

Pelo buraco cavado, o som da terra aos poucos chega à superfície
Anuncia silenciosamente o que foi arrombado
Ecoa o Pulso das forças centrais.

Nessa rachadura que se abre ao encontro da terra.
As zonas de fraturas se enraízam

O episódio da criação das montanhas
Agora é o gesto reverso de desmanche

Escavamos ao ponto mais extremo
Rompendo a blindagem-do planeta
Até Newton duvidaria que a terra se move sem ser perturbada pelas forças
cóslicas

Ao espreguiçar, tremores e erupções
Acorda o dançarino cósmico da destruição e do renascimento.

No bilhar planetário,
a catástrofe organiza a geologia como história.

A poeira do tempo se espalha
Do buraco cavado,
Será que observamos o abismo do tempo?

sob os pés
os estalos dos escombros
Será o vazio deixado, capaz de criar ressonâncias entre a geologia e
astronomia?